

21-65-2

BIBLIOTECA DULCE FERRÃO  
OFERTA - 31 JAN. 2001

# HOMENS LIVRES

LIVRES DA FINANÇA & DOS PARTIDOS

«Livres e seguros» — CAMÕES.

COLABORADORES: AFONSO LOPES VIEIRA, AGOSTINHO DE CAMPOS, ANTÓNIO ARROYO, ANTÓNIO SARDINHA, ANTÓNIO SÉRGIO, AQUILINO RIBEIRO, ARTUR CASTILHO, AUGUSTO CASIMIRO, AUGUSTO DA COSTA, AURÉLIO QUINTANILHA, BOURBON E MENESES, CAMARA REYS, CARLOS MALHEIRO DIAS, CARLOS SELVAGEM, CASTELO BRANCO CHAVES, CELESTINO DA COSTA, EZEQUIEL DE CAMPOS, FARIA DE VASCONCELOS, FERREIRA DE MACEDO, GUALDINO GOMES, HIPÓLITO RAPOSO, JAIME CORTESÃO, JOSÉ DE FIGUEIREDO, MANUEL DA SILVA GAYO, MARCK ATHIAS, PEQUITO REBELO, RAÚL BRANDÃO, RAÚL LINO, RAUL FROENÇA, REIS MAGALHÃES, FRANCISCO LACERDA, REYNALDO DOS SANTOS, SARMENTO PIMENTEL, SIMÕES RAPOSO, VIEIRA DE ALMEIDA, VIEIRA DE CAMPOS

NÚMERO 1 — I-XII-1923 — LISBOA

## VIVOS E MORTOS

JÁ escrevi algures que a grande linha divisória, nestes nossos dias, não é a que separa as « direitas » das « esquerdas » ; é, sim, a que distingue na sociedade uma *nova* orientação, a política *nova* ( dando à palavra « política » o seu mais largo significado ), do espírito *velho* e da política *velha* ; os homens século XX dos homens século XIX ; os vivos dos mortos.

Claro está, não se trata de uma questão de idade, de data de nascimento ; há velhos

animados do espírito novo ; há jovens mumificados pelo velho espírito.

Olhai um *direitista novo* : está infinitamente mais perto de um *novo* *esquerdista* do que de um homem das *direitas à velha* moda ; e reciprocamente, um *novo* *esquerdista* irmana infinitamente melhor com um *direitista novo* que com um *esquerdista* do tipo *velho*.

Convém acentuar isto, para que os mal-entendidos se dissipem e não predominem só-

bre as verdadeiras as falsas separações, e sobre as profundas divergências as divergências superficiais.

De um lado, pois, as almas mortas, presas à estrutura social do século XIX, à tirânica plutocracia do seu falso democratismo, ao individualismo negativista, ao aéreo jacobinismo, à sua gôrda burguesia, egoista e scéptica; do outro o século XX, com o seu anseio de reformação *positiva*, o democratismo *construtor*, o sentido social, o amor da liberdade *racional e disciplinada*. Homens de hoje e homens de ontem; regeneração e anquilose; movimento e estagnação; vida e morte; *homens livres* da decomposição da sociedade em que nasceram, e homens presos aos formalismos de uma sobrevivência que se desfaz.

Quanto a mim, que isto escrevo (indispensável neste ponto limitar a responsabilidade) é de importância secundária o facto de, entre os vivos, uns se afirmarem monárquicos e outros se saberem republicanos. Os melhores dos integralistas parecem-me presos a uma fórmula, — laço superficial, se não fictício: porque são almas republicanas; e se nos confessarem admiração por um Mussolini e um Rivera, perguntar-lhes hemos a que está reduzida, nas mãos deles, a autoridade dos monarcas Vitor Manuel e Afonso XIII.

Posponhamos por isso mesmo êsse por menor de simples forma, e ergamos sobre

todos nós o pensamento do nobre Goethe: « A Divindade actua no vivo, mas não no morto; está no que devém e se transforma, mas não no devindo e fixo; porisso a Razão, na sua tendencia para o divino, só se occupa do que devém e vive, ao passo que a Inteligência, essa, atende ao devindo e fixo, que utiliza. »

Utilizar o que está morto para a vitalidade do que está vivo, — eis o papel da Inteligência; marcar ao que está vivo o ideal da sua vida, — eis o da Razão. *Ueber Graeber, vorwaerts*: adiante, por sobre os túmulos! — disse-o também o mesmo Goethe.

Há muitos mortos em Portugal: cheira a cadáver neste país; não se espantem de que o digamos os cavalheiros conselheiros, as pessoas graves e os homens « sérios », — da gravidade espapaçada em todas as formas da moleza, e que faz todas as podridões.

Pareceu-nos porisso conveniente o haver um órgão dos homens livres, para os homens livres; dos homens vivos e para os homens vivos, de qualquer classe, doutrina política ou religião; afirmador porisso mesmo de uma Idea Nacional, de uma finalidade portuguesa, anterior e superior às finalidades partidárias; algo, enfim, que se parecesse em altitude com o refúgio sublime das montanhas, e a que que pudesse caber sempre o belo terceto de Heredia:

Et sur ces sommets clairs, où le silence vibre,  
Dans l'air inviolable, immense et pur, jeté,  
— Je crois entendre encor le cri d'un homme libre!

ANTONIO SERGIO

O que a liberdade pede é que nos desliguemos do individuo que somos para nos tornarmos o espirito que resolvemos ser.

BRUNSCHVIG

OS homens marcam a si mesmos, conforme que-rem, um alto ou baixo preço, e cada um vale pelo que se estima. Avalia-te, pois, ou como homem livre, ou como escravo. Só depende de ti.

EPICETEO.

A liberdade é coisa difficil e perigosa e que custa muito caro, como a sciência e a virtude.

Pelo contrario, a escravidão, a inércia, a ignorância, a miséria e o peccado não exigem esforço algum. Mas combater é viver; a liberdade unida ao saber e à justiça é tudo para o homem.

PROUDHON

A educação é a arte de emancipar os homens.

PADRE DIDON

# O Concêrto do S. Luís ante os direitos da consciência e a dignidade nacional

**D**OIS ou três periódicos — pois felizmente a maioria soube manter na emergência uma atitude perfeitamente digna —, referindo-se, pela pena dos seus cronistas musicais, ao sucedido no último concêrto Lassallo, em que teve parte capital um dos mais nobres troços do escol e da mocidade portuguesa, entenderam por bem classificá-lo, e com evidente favor, como um « incidente lamentável ». Lamentável na verdade, e muito mais do que pretendem ou sonham os críticos, não apenas como mero incidente ( porque a gravidade do caso está precisamente em que se não trata dum incidente esporádico ), mas como adequado revelador que põe a nu, em chaga, os males essenciais de que enferma a sociedade portuguesa — que até aqui tem vivido sem consciência colectiva, sem tabela de valores, sem tribunais de apelação e de agravo, numa indiferença absoluta ante as questões supremas que contendem com o interesse nacional, a beleza e a nobreza da vida, a dignidade do Espírito — sociedade arrastando uma existência semi-vegetativa, sem arranque, sem reacção moral, sem faculdade de protesto, perfeitamente algemada ante a prepotência das oligarquias e a audácia dos bandoleiros, abandonando assim à sua sorte inglória os melhores homens de Portugal, vítimas tantas vezes das mais miseráveis cabalas ou das mais vis perseguições — impedindo finalmente com a sua inércia o verdadeiro domínio do Espírito.

Lamentável em primeiro lugar ( esquecem-se de o dizer os críticos ) o acto de banditismo, a violência talvez sem precedentes de que foi vítima o maestro Francisco de Lacerda, cujo alto sonho de arte, cujo ideal de cooperação fraterna numa obra de beleza foram miseravelmente destruídos por uma empresa teatral — que não se arreceou de descer às mais torpes maquinações, a asfixia, a peita, o suborno, a concorrência desleal, para manter o *statu quo ante* da organização capitalística dos espectáculos de arte, e assegurar mais uma vez os direitos absolutos da Caixa Forte nos domínios da Inteligência.

Lamentável depois ( ainda os críticos o não reconhecem ) que aos homens que praticaram esse

verdadeiro assassinio de arte, determinando esse malôgro do Ideal, e asfixiando, nas brutais tenazes dos seus interesses, as mais belas, as mais puras aspirações da consciência, que erguiam os primeiros vagidos na atmosfera de luz ainda indecisa da manhã dum mundo novo, — que a esses homens os não houvesse condenado um *verdictum* unânime, energeticamente reprovador, e mais uma vez nos vissemos obrigados a reconhecer que alguns dos órgãos da Opinião, os pretensos servidores do Espírito, estão entre nós ao serviço da vil Matéria na sua luta contra o Espírito.

Lamentável ainda ( há, como se vê, muito mais coisas lamentáveis debaixo do sol de que sonham os críticos ) que o protesto firmado por alguns **Homens Livres** de Portugal tivesse passado quísi despercebido ante a espessa e mortal indiferença, o silêncio inviolável e sagrado do nosso ambiente de catacumba, apenas perturbado pelas vozes altas, grasnantes das aves de rapina — como se o documento que firmáramos nada valesse, nem pelos graves factos que revelava, nem pelo Artista a que dizia directamente respeito, nem pelo belo exemplo de solidariedade que instituía, nem pelos ilustres e honrados nomes que o assinavam. Foi, como tudo, para os críticos das oligarquias, apenas isto — mais um incidente.

Lamentável especialmente que, ante a insuficiência do seu clamor (*vox clamantis in deserto*), lhes não fôsse reconhecido o direito de manifestar de maneira mais significativa a sua indignação contra o crime, e lhes tivesse sido recusada uma garantia que até agora não tem sido negada aos mais boçais espectadores — a de exprimir por meio de pateada a sua desaprovação ou o seu protesto. E' legítimo, ninguém estranha que se pateie uma empresa porque ela faz demorar de mais vinte minutos a abertura dum espectáculo; mas que dúzia e meia de homens inteligentes a pateiem porque, servindo-se de meios inconfessáveis, os defraudou e defraudou a comunidade, não de vinte minutos, mas de dias, semanas, meses inteiros das mais nobres emoções da Arte — isso ninguém admite de boa mente, porque se trata de princípios, de aspira-

ções, e não de impaciências, porque obriga a pensar uns, perturba a digestão dos outros, e revela preocupações perigosas e alarmantes do bem e da dignidade colectivas. A verdade (pareciam dizer todos os espectadores) é que ninguém vai ao teatro para ver aplicar sanções morais.

Lamentável sobretudo que homens mais ou menos cultos, mantendo boas relações pessoais com alguns dos manifestantes, conhecendo o seu valor e a sua situação na sociedade portuguesa, e o verdadeiro significado do seu protesto, descessem à ignomínia de os apontar como «cabeças de motim» para serem expulsos pela policia, como se tratasse de espectadores embriagados que tivessem vindo para o teatro dar largas aos seus entusiasmos dionisíacos, perturbando com o seu hálito avinhado a atmosfera da plateia.

Lamentável que a autoridade se não tivesse recusado a intervir, e que ao fazê-lo, longe de conservar o dominio de si mesma, de dar o exemplo da calma, da ordem, do perfeito *contrôle*, mais uma vez houvesse sido a mantenedora e a provocadora da desordem, arremetendo como canibais, maltratando brutalmente e vilipendiando a parte mais nobre e corajosa da mocidade culta de Lisboa.

Lamentável que para estas violências da autoridade não haja apêlo nem agravo, como teve a... hombridade de nos declarar o próprio chefe do distrito; que a instituição da Justiça esteja entre nós fora da justiça e os agentes da Ordem fora da ordem; que só duas coisas estejam perfeitamente asseguradas e organizadas em Portugal — os direitos da Prepotência e a impunidade do Crime.

Lamentável ainda (e os criticos hão de ficar muito surpreendidos com esta *trouaille* da dialéctica) que, entre as pessoas que estavam aclamando e palmejando o maestro Lassalle, se não tivessem encontrado um só **Homem Livre** — quere dizer, reconhecendo todo o preço da sua liberdade na medida exacta em que admite, respeita e defende a dos outros — se não tivesse encontrado, ia eu dizendo, um só **Homem Livre** para protestar contra a violência e o vexame de que iam ser vítimas alguns dos mais illustres escritores portugueses, reconhecendo-lhes tão plenamente o direito de reprovar como a êle próprio o de aplaudir. A liberdade unilateral não é a dos homens livres: é a dos tiranos, ou a dos escravos. Pela minha parte, juntar-me hei em todas as emergências aos meus adversários, sempre que tenha de engeitar a desonrosa liberdade de se pensar apenas como eu penso.

Lamentável outrossim que, no dia seguinte ao destes estranhos sucessos, a imprensa de Lisboa os não houvesse condenado em unsono, desagravando o Pensamento ofendido, e não tivesse descoberto afinal as pontas do veu, ao menos, em que tem querido vêr envolvida a questão inicial, pela revelação de mais um baixo processo de luta, que só

podem pôr em prática os perturbados da consciência e os autênticos sicários.

Lamentável também, ó criticos, que mais uma vez houvesseis sido os instrumentos voluntários ou innocentes da Tirania da Finança e da Mentira Organizada. Lamentável que tivesséis deturpado ou deixado deturpar os factos, e que chegasse a afirmar-se, com um desplante inconcebível, como se fez num dos jornais de maior circulação, que «tendo o maestro tentado prosseguir na execução dos trechos inscritos no programa, e como fosse impedido de o fazer, os protestantes, diante das contra-manifestações da sala, abandonaram o recinto»!!! Assim se respeita a Inteligência e se escreve a história nos órgãos de grande informação.

Não se erga o feitiço contra o feiteiro, nem deixemos passar o reu a juiz: lamentáveis sois vós, ó criticos, por não terdes sabido manter a vossa independência, afirmado a vossa solidariedade, respeitado o Espírito dos outros, erguendo assim o vosso próprio Espírito.

Lamentável finalmente que por baixo, aos lados, acima de tudo isto, haja uma coisa de mais absolutamente lamentável — que é a constituição oligárquica da sociedade portuguesa, a sua apatia, a sua falta de condutores, o seu culto inveterado da mentira, a sua incapacidade de pensar claro e de falar claro, a pouca energia, a timidez, a nenhuma coragem de afirmar da parte dos seus homens de escol, que tem consentido que a audácia e a união sejam privilegios exclusivos dos cabotinos e aventureiros, constituindo-se assim em verdadeiros e contumazes cúmplices de todos os crimes de alta traição — de tudo o que até hoje tem mantido na terra de Portugal o predomínio dos Peores.

Lamentável, o incidente que nós provocámos? O que há ainda de mais lamentável é que se não tivessem produzido há muito tempo cem, mil incidentes como êsses, para honra da nossa *élite*, triunfo da boa causa, escarmiento e prevenção dos miseráveis, e brio e honra da Nação.

Os factos assumem ainda uma significação mais grave, se atendermos a todas as circunstâncias que os acompanharam. A verdade é que a nenhum homem culto era licito ter a menor dúvida sobre o alcance do nosso protesto. Tinhamos publicado havia dias um manifesto que fizemos circular largamente e que, no todo ou em parte, havia sido publicado nos jornais de maior informação.

Não se tratava dum ataque a Lassalle, que mantinha íntegros os seus foros de maestro e todas as refulgências do seu talento.

Não se tratava também propriamente duma questão de *nacionalismo musical*, á maneira do sr. Rui Coelho, pois havia pelo menos um dos signatários a quem os exclusivismos nacionalistas irritam a pituitária como um insuportável fedor de cadáver. Por mim, reconheço-me irmão de todos

os bons, leais, livres espíritos de toda a superfície da terra.

Tratava-se tão sómente duma questão moral, dum movimento cívico, dum protesto da consciência, duma reacção necessária do escol português contra os crimes dos traficantes da Arte. Queríamos que o Talento, a Superioridade, o Carácter não fossem mais uma vez aniquilados pela luta feroz da Concorrência.

Nenhum de nós interrompeu também a audição dos trechos musicais, que foram executados no meio do mais admirável, do mais religioso silêncio; nem da nossa parte se proferiu qualquer injúria, fôsse contra quem fôsse, embora houvessemos sido insolentemente provocados, e a homens como Raúl Brandão, José de Figueiredo, Reinaldo dos Santos, Afonso Lopes Vieira, Mark Athias, Jaime Cortesão, António Sérgio, Câmara Reis, houvessem sido prodigalizados mimosos epítetos, como *estúpidos*, *alarges* e até *sicários*.

Que tinham, pois, a exprobar-nos? O termos, homens de tendências, fisiologias, temperamentos, convicções diversas, instaurado um notável e raro exemplo de desinteressada fraternidade intelectual, fazendo entre nós um pacto de aliança contra as manobras dos potentados sem senso moral e as subserviências dos lacaios sem convicções? O entendermos que nesta sociedade insensível e bronca, as únicas maneiras de vencer são a audácia, a coragem, a persistência, a incurável teimosia, a violência justa no ataque — essas altas, preciosas, inalienáveis qualidades que até agora temos abandonado estúpida e criminosamente, para seu maior bem e maior prejuizo da colectividade, ao uso exclusivo dos perversos e dos bandidos? Ou exigia-se-nos a indiferença perante a infâmia, a neutralidade ante o crime — *laissez faire, laissez passer*?

Para os críticos o nosso acto não foi mais do que um incidente; um incidente as mais imperativas exigências da Consciência; um incidente a solidariedade entre os artistas e os homens de pensamento; um incidente os protestos de ordem moral, e a moral, ela própria, ia jurá-lo, também um incidente. Só as Empresas não são incidentes, porque, se não fôsem elas, como poderia haver em Portugal Opinião Pública?

Não nos preocupa o que se nos exige, porque sabemos o que nos devemos exigir. Inteiramente inútil o recurso às formas estafadas de argumentação — como aquela que nos censurasse por não termos assumido uma hirta gravidade conselheiral. Esses argumentos deslisam sobre nós como a água sobre a rocha. Inútil. Já abandonámos os velhos preconceitos, já despimos a túnica da inércia, já um ar respiramos mais livre, já a mocidade em torno a nós forma quadrado, já sentimos um sorriso, um perfume, uma luz de primavera, já a *Bondade*, afinal, se fez guerreira. «La Bonté ne

veut pas continuer à être dupe». Se até aqui são os peores que teem vencido, é porque assim tinha de ser e devia ser: na verdade, numa sociedade de homens, em que os atributos viris são peças mestras, estou em dizer que quem tem direito a triunfar é o mais audacioso. — E é porque chegámos a esta convicção basilar que o sr. António Joice vai reconhecendo em nós «sintomas alarmantes»...

Republicano radical, ateu, da extrema esquerda — quer dizer, partidário renitente e confesso duma crescente organização democrática e colectivista da sociedade —, eu saúdo os meus adversários políticos e religiosos (se é que tenho adversários religiosos), estreito-os de encontro a mim, se são **Homens Livres**, como meus irmãos em Espírito, para prepararmos desde já neste semanário uma atmosfera mais pura e mais nobre, mais digna de nós e da vida, mais digna da mocidade que hoje nos cerca, como colunas coríntias a amparar e a ornar o velho edificio, ou pámpanos virentes a florir dentre os rebentos da árvore já anosa, afim de que esses rapazes amanhã, quando forem homens como nós, encontrem um ambiente mais salutar que não sufoque todas as aspirações de vida nobre, elegante, altiva e distinta que eu presinto no seu olhar de sonho e de promessa.

No ambiente de hoje é preciso quasi ser-se herói para não se ser um vendido. Aqui sufoca-se, e há quem na luta fraqueje e sucumba. Façamos circular, homens livres, o ar livremente, e aos que estão prestes a sucumbir, demos sem hesitar a nossa mão — a nossa mão, que hoje se fez amigável e guerreira!

RAÚL PROENÇA:

## O Palácio Mundial em perigo

**A**MIGOS nossos escrevem-nos de Bruxelas, annunciando-nos os graves perigos que ameaçam o Palácio Mundial.

Em conferência, há alguns meses realizada, dissemos ao público de Lisboa o que seja essa formosa instituição, em que se conjugam uma Biblioteca Internacional, que reúne as obras mais típicas de todas as literaturas; um Instituto Internacional de Bibliografia, instrumento precioso e único no género para os trabalhos scientificos; uma Universidade Internacional, onde, em determinada época do ano, se juntam professores de todas as Universidades do mundo para reger cursos das suas especialidades; e, finalmente, o *Museu Internacional*, onde cada nação, cada raça, cada povo,

em sala própria, evidencia a parte em que influiu e contribuiu para a civilização universal.

O governo português, porque nós outros ali estivessemos pessimamente representados, ainda há pouco pensava organizar naquêlé museu uma sala, à semelhança do que tem feito a grande maioria das nações civilizadas, onde patenteassemos a parte imensa que tomámos na história da civilização.

O Palácio Mundial representa o maior e mais nobre esforço até hoje realizado no sentido da intercompreensão e organização da Inteligência humana, e, fazendo honra a tódas as nações que nêlé teem colaborado, é principalmente a glória dessa livre Bélgica, por tantas razões pioneira da civilização entre os povos.

Ora o governo belga, que durante tantos anos patrocinou aquella instituição, pretende neste mo-

mento despejar as salas do Palácio Mundial para ali organizar uma feira de *cautchouc*!

Por tóda a parte, especialmente entre os escritores e intelectuais, se está levantando um movimento de mágua, pasmo ou protesto contra êsse acto de incompreensão do governo belga, que assim tenta privar a sua Pátria e a Humanidade dessa primeira tentativa e viva esperança de solidariedade humana nos domínios da Inteligência.

A êsse vasto movimento nos juntamos, daqui enviando aos professores e intellectuais belgas, e designadamente ao venerando apóstolo daquela instituição, o sr. Paulo Otlet, a nossa solidariedade em defesa dessa maravilhosa lição de Humanidade, única em todo o Mundo.

JAIME CORTESÃO

# O TROPEL DOS ESCRAVOS

À livre Mocidade Académica de Lisboa

Dedica o autor

No poente um alcantil topeta o céu profundo  
Sôbre o cariz que morre; em frente, outro: no fundo  
A turba passa, como um rio,  
Orgiaca, infernal, entrechocada, aos gritos,  
E no meio eu, convulso, êrgo os braços affitos  
Sôbre o grão desvario.

Ao cimo, sotoposto a um nimbo que esmorece,  
Um Vulto resplendente, almo como uma prece,  
Assomou devagar;  
A Figura era altiva, amargosa e severa:  
E quando eu a encarei, como o sol na alta esfera  
Me ofuscou seu olhar.

Qual um Arcanjo, em pé, sentinela de Deus,  
Guardando da alta riba o pórtico dos céus,  
O Vulto insólito ficou;  
Tôda graça e harmonia, a esplêndida celagem  
Esmorece... E a Figura, ao rés da abrupta margem  
Seu lamento atirou:

*«Almas de escravidão! Por que Destino agora  
Do que o tempo levou, do bem e mal de outrora,  
Só volta o luto e a dôr?  
— E a ânsia de ganhar, que as almas envenena,  
Por sôbre tôda a Grei, vibrião de gangrena,  
Reponta, e alastra seu furor?»*

*«Apagaram-se do Ideal as estrêlas nitentes...  
Aerólitos de inâfmia, ardem, porém, frementes,  
Turbando as gerações,  
As almas divinais as pedras atiradas  
E, como a seta ao alvo, ao peito dos Almadás  
Os golpes dos vândos!»*

*«Sôbre o oceano azul foram as caravelas...  
Depois,— a cruz de Cristo aberta em brancas velas—  
Vão as naus triunfais...  
Depois...— oh, cala, Aurora, os lúgubres gemidos!—  
Guiam a aflita Grei pastor's que são bandidos,  
Lebreus que são chacais!»*

«Lá vão, no ardido assalto onde a turba é uma escada  
Submissa ao gesto brando e à palavra enflorada  
Que em mentira explodiu:  
Entanto, sob o olhar de sórdidos sicários,  
A falange do Bem, rara de falangiários,  
No areal se sumiu...

«E cada novo guia, ébrio do mesmo vinho,  
Ansioso se arremeça ao mesmo remoinho,  
Ao mesmo abismo cai;  
Por sobre a podridão prospera o verme vivo,  
Nos cofres do ricaço aninha o plumitivo,  
Do oiro a pena sai...

«Plange o fado entretanto (é terna esta canalha!)  
Vai bem a languidez co'a fúria, que a navalha  
E' da guitarra irmã;  
Se a quádra agora ouvis de um Hoje descuidado  
Que importa que do Além, no Incógnito,—outro Fado  
Esteja ensaiando outro Amanhã?

«Traficai, vendilhões! Inchai, sedentos ôdres!  
Tê à gôta final, saciai as fauces pôdres  
No sangue alheio, harpias!  
Grasne o rir truanesco onde a Cubiça impera  
Atê que a manhã rompa... A manhã! Quem dissera,  
O' Luz, que voltarias?

«Nunca a vereis surgir, olhos de brasa e lama?  
—Chaga que o Sol nauseia e o rôsto à Terra infama,  
Tropel de serpes vis!  
A vasa que pisais se indigna e vos despreza,  
Assiste à vossa orgia, em pranto, a Natureza,  
Fazeis nojo a reptis!»

Nisto, a Estréla da Tarde, alvinitente e pura,  
Sôbre o Vulto auroral, que um Anjo me afigura,  
Pelos céus refulgiu:  
E a grande voz parou, e os grandes céus são calmos...  
E da grande luz pura o mais puro dos psalmos  
Desceu, ecoou, subiu...

E todo o povo em baixo estrugiu de raivoso,  
Agitou em cachões seu tropel tortuoso,  
E eu soltei os meus ais;  
Um negro turbilhão subiu do negro fundo,  
Cobriu a Estréla Santa e o Arcanjo iracundo,  
—E a voz não se ouviu mais.

ANTONIO SERGIO.

## Palavras de Antero de Quental

«... É a bella, a immensa missão do escriptor. É um sacerdocio, um officio publico e religioso de guarda incorruptivel das ideas, dos sentimentos, dos costumes, das obras e das palavras. Para isso toda a altura, toda a nobreza interior são pouco ainda. Para isso toda a independencia de espirito, toda a despreocupação de vaidades, toda a liberdade de jugos impostos, de mestres, de auctoridades, nunca será de mais. O mineiro quer os braços soltos para cavar buscando o ouro entre as areias grossas. O piloto quer os olhos desvendados para ler nos astros o caminho da náu por entre as ondas incertas. O sacerdote quer o coração limpo de paixões, de interesses, para aconselhar, guiar,

julgar, imparcial e justo. O escriptor quer o espirito livre de jugos, o pensamento livre de preconceitos e respeitos inuteis, o coração livre de vaidades, incorruptivel e intemerato. Só assim serão grandes e fecundas as suas obras: só assim merecerá o lugar de censor entre os homens, porque o terá alcançado, não pelo favor das turbas inconstantes e injustas, ou pelo patronato degradante dos grandes e illustres, mas elevando-se naturalmente sobre todos pela sciencia, pelo paciente estudo de si e dos outros, pela limpeza interior d'uma alma que só vê e busca o bem, o bello, o verdadeiro.

Este é o escriptor, o poeta, o apostolo.» — ANTERO DE QUENTAL.

# A CRISE PORTUGUESA

## E A

### REACÇÃO DOS HOMENS LIVRES

Vinda de longe, a crise da Nação parece atingir hoje o ponto culminante da sua gravidade. Seria curioso e útil estudar essa crise nas suas origens remotas e distantes; seria útil e curioso também estudá-la no começo da sua curva ascendente; deveríamos vê-la, mais tarde, através os subsídios deixados por Silva Cordeiro no seu livro *A crise, nos seus aspectos moraes*, através as *Farpas* e os *Gatos*, que são também dois repositórios magníficos de subsídios para o estudo da crise contemporânea; e daí partiríamos então, suficientemente apetrechados e documentados, para o estudo do nosso estado presente, para o exame atento e rigoroso duma crise nacional que parece ter atingido nos nossos dias o seu período culminante e *déli-rante*. Feita essa análise total, seria a oportunidade de se escrever, como complemento, um livro que fôsse em relação a Portugal o que foi em relação á França a *Reforme intellectuelle et morale*, de Renan.

A nossa crise é uma crise de *élites*, ou uma crise da Nação, organicamente considerada? Se concluimos pelo primeiro termo do dilemma, o caminho a seguir é vêr de que sofrem os homens e procurar o remedio necessario para que a Nação não morra das doenças que minam os seus dirigentes. Se porventura concluíssemos pelo segundo termo, nada mais teríamos a fazer do que fechar os olhos, tapar os ouvidos, e deixar-nos ir para o fundo, como o macaco. Se Portugal soffresse dum exgotamento completo dos seus *eugénicos*, e se por esse exgotamento *fatal* nos encontrássemos no termo do ciclo historico que á nação portugêsa foi pelo Destino marcado para cumprir, — a ser assim, não vejo, rialmente, que se pudesse tomar outro caminho senão o de morrer o mais devagarinho possível. *Morrer, mas devagar*, foi o conselho de D. Sebastião em Alcacer-Kibir. *Morrer, mas devagar*, seria também a nossa divisa daqui por diante — e também o nosso *De Profundis*...

Julgámos, porém, que a crise portugêsa é hoje uma crise de intelligência e de caracter, uma crise intelectual e moral, uma crise de valores individuais mais do que uma crise de valores colectivos. Têmos, de facto, como por vezes o dr. Trindade Coelho o tem afirmado, a coexistência duma *massa* de bronze com uma *élite* de lama. Dessa coexisten-

cia nasce a nossa anarquia. Falta-nos uma sólida disciplina intelectual, falta-nos uma sólida disciplina moral, falta-nos uma unidade de pensamento e de acção, quando não nos falta também, para agravo do nosso mal, uma coerência de finalidades. Sem uma finalidade colectiva, não ha valores individuais que perdurem.

Essa ausencia de ideal colectivo manifesta-se aberta e claramente na constituição e nas lutas dos partidos políticos portugêses. Fundamentalmente, radicalmente contra a constituição do Estado por via dos partidos, (é uma opinião pessoal nas laudas dos **Homens livres**) ainda poderia attribuir-lhes algum valor e olha-los com alguma simpatia, se porventura as lutas dos partidos entre si para a conquista do governo fôsses travadas á volta de principios e ideias e não á volta de individualidades geralmente destituídas tanto de ideias como de principios. E' essa, precisamente, a causa do esfacelamento total dos nossos partidos políticos. O sistema rotativista inglês, transplantado para Portugal, nem deu resultados positivos com a monarquia constitucional, nem os tem dado com a republica parlamentar. De resto, sendo os dois regimens, *fundamentalmente*, a mesma coisa, equivalendo-se no que toca aos principios informadores e no que toca á propria engrenagem administrativa, não admira que o sistema fracassasse tanto na primeira como na segunda experiencia. Já no tempo da monarquia, mercê dos efeitos perniciosos das lutas partidarias, Fialho punha na bôca do povo estas palavras dolorosas, senão profeticas, clamadas aos ecos da fronteira: *Livrai-me desta canalha, que me tornou odiosa a liberdade, que em troca aqui vos ofereço a minha servidão!* Hoje, que o mal dos partidos se agravou, e a crise atingiu a sua fase culminante, cabe aos **homens livres**, compete aos *homens vivos*, a todos os que não deixaram atolar a sua consciencia na lama corrente, nem sacrificaram a sua liberdade de portugêses ao *Bezerro d'Oiro*, gritar bem alto o desejo que Portugal tem de se não deixar vencer pelo seu inimigo interior, para que á face do inimigo estrangeiro possa apresentar-se de novo de cerviz direita e vizeira erguida. Ah, não! Portugal tem direito também a um lugar ao sol, nas praias

do mundo. Saibâmos curar as nossas enfermidades internas, e verêmos se alguém nos poderá recusar esse direito sagrado, quando não em nome dum direito historico que é garantia sufficiente da nossa independencia, ao menos em nome do chamado «direito dos povos a disporem de si proprios», tão apregoado durante uma guerra onde Portugal figurou tambem ao lado dos vencedores.

A dictadura dos politicos — e dos politicos desorganizados dentro dos partidos ainda mais desorganizados — deu, daria fatalmente, no predomínio das oligarquias. Quem manda em Portugal? Os partidos? Não: entre os partidos, apenas um manda e dispõe do país: o mais forte numericamente e revolucionariamente. Os outros partidos são simples satelites do primeiro, apenas comparsas da comedia constitucional; só a benevolencia do mais forte lhes permitirá o exercicio temporario do governo. A' face dos principios, á face da letra constitucional corrente, é a *maioria* quem deve mandar. A maioria, porém, é constituída pelos não-votantes. Nessas circunstancias, a minoria votante partilha se numas tantas fracções, e a maior de todas elas é quem toma conta do governo. E' isso a *Soberania do Povo*? Talvês, para aquela infima parcela de povo filiada no partido que detem o governo. Mas, para o resto da Nação, essa soberania de facto é pura e simplesmente a soberania dos partidos, se não dum partido só. A Nação está ausente do governo.

Esta divergencia entre a Nação e os partidos, levada para o Parlamento, torna incoerente, dispersa, muitas vezes nula e mais vezes ainda contraria ao interesse nacional, a obra parlamentar. Legisla-se a torto e a direito: o Parlamento, nesse capitulo, é soberano, e os seus poderes são descriptivos. Não ha representantes dos interesses nacionais: existem apenas representantes dos partidos. Daí a corrupção parlamentar. Daí a corrupção dos partidos e dos politicos, quasi todos vendidos, directa ou indirectamente, á Plutocracia. As excepções são tão raras como nobres. Mas as excepções, infelizmente, não fazem mais do que confirmar a regra. Já não é necessario citar o caso da França com o Panamá, nem a intervenção do filho de Combes no caso das congregações, ao serviço dalguns industriaes que pretendiam apoderar-se dos licores Chartreux, fabricados até então por Benedictinos. Nós temos em Portugal mil e um escandalos desse genero, mil e um Panamás em miniatura, mil e uma variantes dessa mesma degenerescencia moral e politica, para que nos preocupêmos com os exemplos de fóra. Se entre nós existisse Justiça, quantos politicos, quantos ministros e financeiros se não teriam já sentado no banco dos réus? A impunidade, porem, não só garante os criminosos, como os estimula para novos crimes. A aliança da Finança com a Politica é cada vez mais apertada: se os **homens livres** de Portugal o consentirem, se os que restam vivos no meio desta catastrophe moral e ma-

terial a isso se não opozerem, será essa aliança diabolica quem estrangulará definitivamente, como uma coleira de aço, a Nação atrofiada já nas suas energias vitais.

A Plutocracia dispõe dos politicos e dispõe tambem da imprensa. (Neste caso da imprensa, como no caso dos politicos, as nobres excepções que existem não fazem senão confirmar a regra). Citarei, a proposito, um caso sufficientemente elucidativo, contado numa carruagem de caminho de ferro a uma pessoa da maior honorabilidade, pelo proprio ministro com quem ele se passou. — Foi promulgada uma lei creando sanções rigorosas contra determinado polvo financeiro, ameaçando sériamente com a cadeia os seus principaes dirigentes, caso continuassem a tripudiar sobre as necessidades da Nação. Pouco depois de promulgada a lei, uma comissão delegada do polvo foi cumprimentar o ministro, que recentemente havia tomado posse do seu logar. Iam cumprimentar, começaram por dizer, o seu antigo colega na direcção de determinada associação... Depois falou-se em «interesses politicos» e nas pesadas sanções da lei. O ministro respondeu que nada tinha com interesses politicos. Quanto á lei nada mais tinha a fazer, do que cumprir-la rigorosamente. Os delegados do polvo financeiro invocaram, nessa altura, a solidariedade do ministro como comerciante. Resposta do ministro: «Neste logar não sou comerciante, e só tenho de preocupar-me com a solidariedade dos meus colegas do ministerio!» Chegados ás do cabo, os financeiros ponderaram ao ministro: «Veja bem o que faz! — «Cumprirei o meu dever». — «*Olhe que nós movemos-lhe uma campanha de descredito!*» — «*Movam-me quantas campanhas quizerem!*» — Uma campanha soou lá fóra, o continuo apareceu. E o ministro disse-lhe: «acompanhe estes senhores». E os financeiros saíram... Perguntamos nós: quais os meios de que dispõem os financeiros para ameaçar assim um ministro com uma campanha de difamação? Os jornaes, na verdade, são um grande meio de propaganda. Os financeiros proprietarios dos órgãos chamados de grande informação — ou antes, de grande *deformação* — certamente que não levam o seu desinteresse material ao ponto de arcarem com os *deficits* anuais de centenas de contos, dados pelas suas empresas, apenas pelo amor á letra redonda... Simplesmente, nem todos os jornalistas se vendem pela mesma forma por que Silva Graça, filho, vendeu o *Seculo* à Moagem: as *formas* variam, mas o *fundo* é sempre o mesmo fundo de lama.

---

Porque não reagir contra esta lepra damninha, contra esta corrupção constante do melhor das fibras nacionais?

Não tenhamos, para reagir, a preocupação das *maiorias*. As verdadeiras maiorias, as maiorias

activas e dinamicas, são sempre as minorias. O resto é poeira do caminho. Tudo o mais é a força da inercia, o resto é o *peso morto* da grande massa *conservadora e acomodaticia* — tanto mais conservadora quanto mais acomodaticia e tanto mais acomodaticia quanto mais conservadora — sempre prompta a conservar seja o que fôr, contanto que a deixem ruminar em sossêgo o pão de cada dia. Diz-se e apregôa-se a plenos pulmões que a maioria do país é monarquica: no entanto, quem governa em Portugal é a republica. No tempo de Sidonio Pais, dizia-se tambem que a Nação inteira era *sidonista*: no entanto, Sidonio Pais caiu varado pelas balas dos seus adversarios e correligionarios, e dentro em pouco o *sidonismo* era um barco completamente naufragado e perdido. Pobres e tristes maiorias, desfeitas ao primeiro contacto com uma minoria forte e audaz! A preocupação dos homens livres, de todos os homens livres que conosco pretendam trabalhar, deve ser exclusivamente a de reorganizarem a Nação *verticalmente* e não *horizontalmente*. Quer dizer: a nossa propaganda deve ser feita toda no sentido de reformar primeiramente as *élites*, os «homens-bons» e os «homens livres», dando finalidade e coêrencia aos seus esforços, e por aí, depois, caminharmos com passos mais seguros para a conquista das massas.

Esses homens encontram-se hoje dispersos, um pouco por toda a parte, e é necessario ir arrancá-los ao seu silencio improdutivo. E' preciso convencê-los de que não estamos na *direita* nem na *esquerda* de qualquer exercito: devemos estar á cabeça, agindo e dirigindo. Não ha *esquerdas* nem

*direitas*, como não ha *burguêses* nem *operarios*, como não ha *forças vivas* nem *forças mortas*,... Ou antes: *forças vivas*, na verdade, existem: a dificuldade consiste, sómente, em saber onde estão as *forças mortas*... Quasi sempre, *forças vivas* são termos empregados quando se trata de associações comerciais ou industriais: quer isso dizer que as associações operarias são representantes de simples *forças mortas*? Qualquer operario, por mais humilde que seja, representa sempre uma força mais *viva* do que a força dum capitalista, se esse capitalista, em vez de ser o chefe natural duma empresa productiva, um *productor* tambem, fôr simplesmente um especulador de Bolsa.

Um homem que sinta as suas energias degradarem-se e debilitarem-se cada vez mais, se não quizer deixar-se morrer facilmente, não terá mais nada a fazer senão lutar, resistir, reagir; a vida humana é, de facto, uma reacção *constante* contra as energias corruptoras que habitam dentro do nosso organismo. Uma sociedade em perigo de submergir-se numa onda de corrupção e de anarquia, se quizer salvar-se, não terá outro caminho senão lutar, resistir, *reagir* contra esses principios de degradação inoculados no seu organismo. É' essa a obra que nos propomos realizar, dentro das nossas forças: reagir contra o mal. Os que não quizerem reagir como nós e conosco, nem serão forças *vivas*, nem homens *vivos*, mas simplesmente forças conservadoras, pesos mortos, — *conservando* pela inercia a miseria em que nos debatêmos.

AUGUSTO DA COSTA.

## IDEAL NACIONAL

E' facto resultante da longa observação da história que à existência dos povos não basta, não chegam para lhe dar vitalidade os instintos de conservação. E' mister uma aspiração, ou, por outra, *um ideal*, que levante, congregue e tonifique o espirito dos cidadãos.

Quando isto falta as nações definham, a creveira da politica baixa, a maré da corrupção sobe.

E' obvio que assim seja. Falta nesse caso aos homens públicos um impulso, um estímulo que, ou lhes aqueça os instintos generosos, ou os obrigue a levantarem-se acima de si próprios.

A politica torna-se rotineira, a administração torna-se inepta, formiga o parasitismo, aparecem, como nódoas filoxêricas numa vinha, as nódoas de corrupção alastrando-se, levadas as suas sementes no ar pelas virações normais da cobiça, da vaidade, da mesquinhez de alma, filha do vazio da inteligência.

Perde-se a noção da realidade das cousas.

Confunde-se a ferramenta com a manufactura, o instrumento com o fim, os meios com as obras; e em lugar da felicidade de um povo, como objectivo da politica, põe-se a fortuna dos politicos. Sacrifica-se o pôrto do destino aos acasos da derrota, e por isso o pôrto não se atinge e a viagem segue indecisa, sem norte, sem rumo, à mercê dos temporais, ou à mercê das calmarias pôdres em que se morre afinal de inanição.

Desgraçadas as nações que um dia deixaram de ter um pensamento, uma ambição, um ideal, que seja para o seu corpo colectivo o que é para o corpo humano esta energia sintética que nos anima, incitando-nos a trabalhar como condenados quando poderíamos viver como lazaronis.

OLIVEIRA MARTINS.

# A PROPOSITO DOS JOGOS OLIMPICOS

«L'erreur provient de ce que les professionnels de la culture physique visent à l'athlétisme, c'est à dire au développement de l'homme déjà robuste, de santé vigoureuse, pour faire de lui un athlète, au sens hellénique du mot.»

GODLEWSKI.

«Eduquer un sujet physiquement consiste à le perfectionner d'une façon complète, non à le spécialiser dans un seul genre.»

G. HÉBERT.

Um sôpro de entusiasmo corre hoje no mundo a propósito dos jogos olímpicos que no ano próximo se farão em Paris. Também em Portugal, embora de modo mais atenuado, vai crescendo o interesse e se buscam já aqueles portugueses excepcionais que hão-de representar nessas provas o nosso país, como se eles fôsem índices dum valôr físico que a nossa raça realmente possuísse. Este culto dos representantes fictícios, conjugado com o esquecimento da grande massa de homens, se não definidos, pelo menos impreparados para a vida e para a acção cotidiana, revela-nos inofismavelmente a desorientação reinante em matéria de educação física, apesar dos protestos e dos conselhos de raros, a cuja voz queremos juntar a nossa.

Ninguém de bom critério e de sã cultura, quasi iamós dizer apenas de bom-senso, pode chamar educação ao aperfeiçoamento e á valorização exclusiva e desarmonica do corpo, da consciéncia ou da razão. «*Mens sana in corpore sano*» é a formula antiga e perfeita, e por isso educação abrange no seu significado o que os tres adjectivos: — física, moral e intellectual mais explicitamente talvez, mas decerto de modo mais restrito, pretendem evidenciar. Educação física, educação moral e educação intellectual são, pois, tres expressões incorrectas, apesar da sua vulgarização, porque individualizam e desligam esforços que sempre deveriam applicar-se a par e conjugados.

Como pode viver, — agir e cooperar —, o que não tiver sido fortalecido de corpo e de alma, na expressão corrente? O sábio amoral é um perigo; o atleta inconsciente, apenas um animal, e o santo ignorante e impotente, um contemplativo inutil. Prefiro-lhes, como modêlo, um homem medíocre mas equilibrado, sabedor do seu officio, capaz de compreender e executar o que lhe convem e honesto guia dos seus filhos.

A educação física não pode ainda desligar-se da moral e da intellectual porque quasi sempre se está cuidando também da intelligencia e do fortaleci-

mento moral quando se procura principalmente o robustecimento físico e vice-versa: — Um jogador de *foot-ball* em pleno campo resolvendo num momento enviar a bola com precisão no sentido que mais convem ao seu grupo, faz um raciocinio rápido, seguido duma decisão pronta e energica para um bem colectivo.

O uso pertinaz consagrou, porém, aquelas tres expressões e impõe-as com a força dum direito consuetudinario. Têmos de adopta-las mas não lhe desliguêmos os sentidos; falêmos de educação física mas considerêmo-la constantemente um conjunto de meios conducentes, pelo seu lado, ao fim único de toda educação: — preparar o homem para a vida. Integrêmos pois nela tudo o que contribue para manter e aumentar a saúde; para dar melhor resistência, como dizia Montaigne, *aux hasards qu'il faut mépriser*; para desenvolver a aptidão de executar todos os movimentos e esforços utilitários sem fadiga e com o maximo rendimento pratico e até para aprefeioar a estética das formas e a dos movimentos, que são tanto mais belos quanto mais precisos e uteis.

A saúde, a resistência, a destrêza (o fácil comando da máquina), a força e a virilidade (vontade, corágem, energia e perseverança) são os efeitos que deve buscar uma educação física bem orientada, porque só a sua posse garante ao individuo o máximo rendimento possível do seu corpo. A impossibilidade de executar qualquer exercicio de utilidade pratica revela sempre uma imperfeita preparação física.

Os cuidados de alimentação, de limpêza, de profilaxia de doenças e de habitos de vida e de trabalho, são um capítulo importantissimo que se não pode desprezar quando se cuida a sério do robustecimento de alguém, e não se concebe facilmente que se queira garantir a saúde com uma hora de exercicios metódicos e bem graduados, (quando não de esforços exagerados e nocivos), esquecendo nas restantes 23 de cada dia até os mais rudimentares preceitos higienicos.

Os trabalhos manuais, cujo valor na preparação moral e intelectual é hoje indiscutível em face da pedagogia moderna, devem também ser lembrados aqui. A eles nos referirêmos mais promenorissadamente noutra ocasião, demonstrando todo o partido que dêles se pode tirar para atingir o objecto que atraz marcamos à educação física.

Resta-nos falar da ginástica e dos desportos que mais particularmente pretendem aumentar a capacidade de resistência, a força muscular propriamente dita, a destreza e agilidade, e a energia nervosa.

O aperfeiçoamento físico não pode atingir-se senão por uma preparação metódica que atenda às condições individuais e na qual os exercícios sejam graduados e seriados de modo a corrigir defeitos existentes e a fortalecer pontos fracos; — a estabelecer o equilíbrio, e não a desenvolver isoladamente quaisquer grupos musculares.

O exame prévio de cada individuo é indispensavel, portanto, e dêle deve derivar a prescrição dos exercícios sem o que os resultados poderão até ser nocivos e perigosos. A cooperação do médico é fundamental e enquanto ele não tiver nas suas mãos especializadas a direcção da ginástica e do desporto scientifico, estes conservar-se-hão num estado rudimentar e improdutivo. Ele só, também, terá a coragem de lutar contra a especialização absoluta e o desenvolvimento predominante da força muscular, porque só ele poderá ter a plena consciencia de que *«la force réside plus encore dans le cœur et les poumons que dans les muscles.»*

Quando pensarão assim os nossos propagandistas desportivos?

SIMÕES RAPÔSO.

## PALAVRAS SOBRE ESPANHA QUE SE APLICAM A PORTUGAL

«O regime político que o Directorio Militar destruiu — o «velho regime» — nunca se permitiu violências; pelo contrário, permitiu tôdas as violências contra o Poder público. Durante o seu império, tôda a gente praticou tudo quanto teve na vontade. A única coisa de que não tiveram vontade os espanhois foi de libertar-se dessa política ominosa, contra a qual expectoravam formidáveis diatribes nas tertúlias de café, nos casinitos de provincia, nas palestras aldeãs. A pessa que, para orientar-se sobre o verdadeiro sentir dos espanhois, atende ao que êstes dizem, não conhece absolutamente nada da psicologia nacional.

«Advertências dêste teor levam-nos à convicção de que é completamente illusório reduzir a «velha politica» a uma detenção do Poder público por umas centenas de audazes. Se fôsse isso, careceria de importância, e houvera sido muito fácil curar o mal. Mas é preciso reconhecer com inteireza a pura verdade: a «velha politica» era e é o sistema de govérno que espontânea e entranhavelmente corresponde ao modo de ser dos espanhois.

«Os velhos politicos, digamo-lo lialmente, eram só a flor da «velha politica». A raiz e a causa de todo o regime estavam e estão nos governados, e não nos governantes.

«O cinismo, a despreensão, a incompetência, a ilegalidade, o caciquismo, etc., procedem e procederão da grande massa espanhola que vive desde há muito tempo em um grau extremo de desmoralização. E o mais pernicioso que se pode fazer é lisonjear os seus torcidos instintos, dando-lhe a entender que é ela a virtuosa e que os seus males

procedem de individuos determinados, e, afinal, sobrelevantes. Os velhos politicos foram criação visceral de uma época espanhola. O povo os fez, os seleccionou, os dirigiu, os modelou. A maior falsidade que se disse foi o classificar de ficção e de farça o regime que agora tentamos aniquilar. Olhando bem as coisas, chegamos ao convencimento de que a politica dos últimos cincoenta anos foi a expressão mais exacta do sentimento colectivo espanhol.

«Exactamente os mesmos defeitos que ao aparcerem nas funções do Estado atribuímos à «velha politica», encontramos-os nas operações privadas dos cidadãos. Apesar de serem detestáveis os «velhos politicos», são muito piores os velhos espanhois, essa grande massa inerte e maldicente, sem impeto, nem fervor, nem interna disciplina.»

ORTEGA Y GASSET.

---

## HOMENS LIVRES

REDACTOR PRINCIPAL: ANTONIO SERGIO  
EDITOR: REYNALDO DOS SANTOS

LEITOR: SE ÉS PATRIOTA E HOMEM  
LIVRE, ASSINA HOMENS LI-  
VRES, DIRIGINDO-TE AO SECRETÁ-  
RIO GERAL, AUGUSTO DA  
COSTA, RUA VICTOR CORDON,  
7, SOBRE-LOJA — LISBOA.

Tip. do Comercio-R. Oliveira, ao Carmo, 8

---

# TERRA NOSSA

## ARVORES

Da Serra do Gerez, em Outubro passado, soltou o architecto E. Korrodi no *Diario de Noticias* um desses brados cuja angústia bem conhecem todos que alguma vez apelaram para os poderes do Estado, à mingua de fôrças nacionais organizadas em que se firmassem, em prol de belas cousas ameaçadas.

Foi o caso que a administração florestal determinou cortar os belissimos carvalhos que bordam a calçada romana, afim de lograr condições de crescimento para as sementeiras de pinhal ali recentemente executadas. Ao apêlo do architecto estrangeiro, que pugnava pelas nossas arvores, respondeu o arrazoado do funcionário português, que confirmava a sentença de morte. Não é intenção nossa menosprezar os serviços florestais. Lealmente reconhecemos que a campanha de arborização das nossas serras tem sido fecunda e que já se adorna de brilhantes resultados. Mas a teoria expendida pelo sr. director geral dá-nos apreensões e conviria elucidá-la. Os argumentos desse funcionário resumem-se em dois tópicos: — 1.º As arvores do Gerez estão caducas. — 2.º Não deve a administração comover-se com opiniões de «artistas» mas seguir imperturbavel os ditames da propria sabedoria. Quanto à *caducidade*, há uma questão prévia a tratar. Por que nós sabemos que, o estado de caducidade de muitas das nossas belas arvores, provém apenas da falta de policiamento que as expõe à barbaridade utilitaria do povo que as mutila. E tambem da falta de assistencia amorável que as não ampara na sagrada velhice.

Do primeiro caso exporemos ao alto funcionário o exemplo da *zona de abrigo* de São Pedro de Muel, onde muitos admiraveis pinheiros da zona que representa para a localidade inestimavel riqueza, foram cortados pela administração depois que esta os encontrou *caducos* em virtude de mutilações criminosas mas livremente infligidas. Do

segundo caso é exemplo pungentissimo o estado actual, em parte desbaratado, do Buçaco, de certo um dos mais belos claustros vegetais do mundo, cuja mistica expressão teria sido mister ha muito preservar do criterio materialista das repartições. Ai, nesse Buçaco que é uma desgraçada apoteose dos êrros da administração portuguesa, ao passo que os serviços florestais dispuseram jardinzinhos catitas de coreto, desamparam-se os cedros mais antigos, de modo que as tempestades despojaram e vão despojando de magnificos exemplares a maravilhosa mata. — O que fará com que o sr. director geral os classifique de *caducos*!

O processo de assistencia às arvores, que tem no jardim botânico de Pádua um tocante e tão inteligente exemplo, foi todavia praticado pelos carmelitas, sem o método dos quais a mata do Buçaco não haveria chegado até aos nossos dias. Os monges levantavam socalcos expressamente dispostos para aguentar os colossos que eles amavam — e muitos dos quais vieram a servir para forrar o teto da garage do Palace, à guisa de templo de Salomão. Um desses socalcos de piedosa engenharia florestal encontra-se junto à *varanda de Pilatos*. Falando do Buçaco, lembra logo Sintra, mas esse museu, singular na Europa, que é o parque da Pena, tem um conservador idóneo e sensivel. Oferecemos estas considerações ao alto funcionario, em a nossa qualidade de «artista», sabendo portanto que elas serão inúteis. E, emquanto o processo da caducidade não fôr esclarecido, juntamos daqui o nosso apoio ao apêlo de Korrodi em prol de arvores cuja beleza, ainda que estejam caducas, vale infinitamente mais que o rendimento dos futuros esterres de madeira com que os serviços florestais nos gratificam.

AFONSO LOPES VIEIRA

# EM TORNO DO PROBLEMA DA RAÇA

Na Sociedade de Sciencias medicas o sr. dr. Costa Sacadura dissertou sobre o problema da população em Portugal, mais particularmente sobre o problema do decrescimento da natalidade. Não pudemos ouvir o estudo de S. Ex.<sup>a</sup> e dele apenas temos conhecimento pelo extracto dos jornais. Mas, a avaliar por esses extratos, que se me figuram dar na essencia o pensamento do conferencista, a questão foi encarada unilateralmente e, por conseguinte, dum modo que se presta aos juizos mais erroneos.

Pareceu-me — permita S. Ex.<sup>a</sup> que lho diga — que não era um medico portuguez que versava o tema portuguez da despopulação, mas sim um medico francês debatendo as causas e fenomenos desse problema, aliás monumental em França. De facto, os seus argumentos temo-los lido nos jornais franceses, e os remedios não menos. Mais uma vez o neo-malthusianismo foi o cavallo de batalha, a bête apocaliptica da raça e do progresso nacional. A verdade é que o neo-malthusianismo, se elemento é de despopulação em Portugal, não invadiu ainda a provincia, cerne desta terra de dez seculos. O neo-malthusianismo rouba almas na cidade, e, em grande parte, a sua obra é louvavel. Em vez duma população enfermiça, arrostando os achaques da degenerescência fisica, preferivel é que não haja população. Nas cidades, desde que o mundo é mundo, preponderaram sempre as mesmas causas de rarefacção demográfica. O êxodo dos campos alimenta-as e aumenta-as.

A jazida das almas esté lá nas vilas e aldeias, e o principal a meu vêr é que a jazida se mantenha intacta e fecunda. Ora, por esta faceta é que eu gostaria de vêr abordar o problema da despopulação em Portugal. Não obstante os numeros, não quero crêr que a estatistica dê razão absoluta ao sr. dr. Costa Sacadura, ainda no que diz respeito a Lisboa. A estatistica presta-se ao mais iluditivo jogo de aparências. Que Lisboa proliferou menos em 1922 que em 1913, está certo. Seria, porém, necessário saber se o decrescimento se deu da parte de individuos adventicios á cidade, ou de individuos nela fixados de raiz, ou de longa data. E depois, poder-se-ia concluir que Lisboa, sob o influxo de agentes ignorados até 1913, ou de uma acção menos constante, decresce na sua população estavel, o que seria dar razão ao aspecto que se aprouve demonstrar o sr. dr. Costa Sacadura. Sem dúvida que as causas apontadas, a nova e feroz moral do egoismo, a reversão de classes, que trouxe o após-guerra, são factores a ponderar e aceitar como

causa de abaixamento demográfico; ¿mas, em que medida?

O neo malthusianismo não é nem pode constituir o âmago do problema, mas sim a flor do problema. O grande *quid* é saber se a raça definha, e, se definha, por causas intrinsecas á estrutura mesmo da raça ou por causas passageiras, externas. Por outra: o homem em Portugal está em decadência, ou não está?

Creemos nós que sim, que a raça não atravessa apenas uma crise, mas desce a vertente rapida do seu aniquilamento. A raça, na sua maioria, é constituida por impaludados e luxuriosos, — impaludismo que a migração secular trouxe ao sangue portuguez, e luxuria que, mercê do clima, educação sexual, cruzamento com outras raças inferiores, se infiltrou tambem no sangue da grei. Depois, o portuguez — mórmente o aldeão, — alimenta-se deficientemente, mal e mingoado. O portuguez não conhece a educação fisica e ignora tudo da higiene. O portuguez, no que respeita á vida fisica, continua abandonado ás leis da natureza.

Estes factos, mais mediatos é certo, menos aparentes, é que tem uma repercursão poderosa no problema da baixa e alta da população. Proclamam as estatisticas que a natalidade diminui? Ou diminui a população graças a um maior coeficiente de mortalidade?

A' priori, sem duvida, somos levados a crêr que a natalidade não desceu de maneira sensível, mas sim a cifra dos óbitos, mórmente na população infantil, que subiu. Mas que assim não fôsse, o lado mais urgente e importante do caso não está em abarrotar Portugal de almas, mas sim em ter uma raça sã e activa. Não importa a quantidade, mas sim a qualidade, cuja condição é vigor e robustez.

Para isso é preciso, não combater em especial o neo-malthusianismo que pouco é, castigar os solteirões com tributos que já o estão castigados por sua indole propria, provocar uma volta-face para a religião, mas, sim, educar o povo mental e fisicamente. A par com isto, provê-lo dos meios necessários a uma solida e racional subsistencia, indo á base, o camponês.

E' vasta, — é toda uma obra de regeneração a tentar, não á superficie (repetimos) mas na essencia mesma da raça, de modo a influenciar benéfica e progressivamente o jogo de suas forças vitais, — mas necessaria, se se não quer morrer.

AQUILINO RIBEIRO

# PORTUGAL HOSTIL AOS PORTUGUESES DE MÉRITO

Não sei de capitulo mais nacional da nossa historia médica do que o da evolução da anatomia.

A tradição secular do Hospital de Todos os Santos, cujo ensino pratico se desenvolveu com certa sequencia, manteve-se com pequenos desfalecimentos até sofrer o impulso inteligente e orientador de Manuel Constancio, no reinado de D. Maria I, para então fructificar nessa serie de operadores que levantaram o ensino e a cirurgia á altura do seu tempo, gerando a unica Escola seguida que houve em Portugal com tradição, com prestigio e com discipulos.

Certamente que a historia da medicina no nosso país conta outros nomes illustres, uns com maior celebridade, com maior originalidade outros, e alguns até com uma influéncia que chegou a ser europeia; mas constituíram na sua maioria casos isolados de alto valor individual, sem caracter nacional, quer pela ascendencia, quer pela educação, quer pela influéncia; não tiveram fructificação escolar, e, para menor gloria... *ou maior vergonha*, alguns foram portugueses saídos ou fugidos da patria que os perseguiu e esqueceu, ou os não soube aproveitar.

Não há dúvida que Guevara e Santucci foram anatomicos distinctos, que honraram o ensino da anatomia entre nós; mas, espanhol um, e italiano o outro, constituíram mais uma gloria extranha, do paiz onde nasceram ou d'aquelle em que se educaram, do que nossa, onde mal se adaptaram. Um não criou escola, outro foi tolhido no exercicio da parte mais importante do seu ensino por uma proibição real, injustificada e estúpida.

Certamente e orgulhosamente, podemos ufanar-nos de portugueses como Garcia da Orta, Rodrigo de Castro ou Amato, que no seculo XVI fizeram o complemento médico da nossa renascença literaria, artistica e scientifica, florescendo alguns deles ao lado dos outros humanistas portugueses, a maior parte dos quais vaguearam por esse mundo de Cristo, — do Cristo de Lutero, ou do mundo catolico; mas Garcia da Orta viveu na India, e tão fraca influéncia exerceu entre nós que o seu esforço não foi continuado e só o admirámos depois de um francês, Charles de l'Ecluse, o haver traduzido e divulgado na Europa; Amato, obrigado a sair de Portugal, clinicou em Antuerpia, professou em Ferrara, esteve depois em Ancona, Roma, Florença, na Polónia, estudou em Salamanca e acabou em Salonica, da peste, esquecido pela patria e só reclamado tardiamente, quando os de fóra nos indicaram e ensinaram a conhecer o seu valor; Rodrigo

de Castro, outro judeu expatriado, que tambem estudou em Salamanca e se formou em Siguenza, foi criador da ginecologia na Europa, viveu em Hamburgo, onde clinicou e escreveu tóra do nosso meio, sem influir na nossa medicina, tão decadente nesse seculo XVII, sinistro para a nossa existencia politica, só vivo para a prosa de um Vieira, de um Luis de Sousa, de um D. Francisco Manuel e de um Bernardes.

Se Zacuto enche por si só a historia do seculo XVII, Zacuto é ainda outro mestre educado em Salamanca e fugido de Portugal ás perseguições aos judeus; conhecido mais depressa na Holanda e no resto da Europa que entre nós, tendo lá escrito e lá se tendo celebrizado, longe da «dulcissima patria,» como êle chamava á que o não soubera guardar.

E por fim, quando no seculo XVIII Ribeiro Sanches se enche de um prestigio de que só hoje nos vangloriamos, e que parece dar-nos o direito a reivindicar-o como autêntico português desde a sua educação em Coimbra até á sua influéncia na reforma de Portugal e aos seus escritos, alguns consagrados especialmente a serem applicados entre nós, — Ribeiro Sanches é outro Judeu, cosmopolita, vivendo na Russia e depois em Paris, onde morreu, onde editou, onde recebeu o proprio elogio da Academia de Paris, tendo por biógrafo Andry, emquanto por nós era desprezado e esquecido.

Nenhum deles é o filho duma escola, duma educação ou duma tradição *portuguesa*; alguns seguem a da sua raça estudiosa e culta, que dera grandes cosmógrafos e médicos; mas todos se perdem no cosmopolitismo a que a patria os forçou de vez, com a sua habitual ignorancia dos valores, sem voltarem para criar entre nós essa influéncia fecundante que perpetuaria o seu genio através duma Escola ou duma geração.

E' preciso chegar a Manuel Constancio para vêr um português, nascido e educado em Portugal (embora por um francês) criado num meio com uma tradição de ensino pratico (anatomico e cirurgico) que vinha desde o seculo XV, *formar discipulos portugueses* e mandal-os estudar no estrangeiro o suficiente para se aperfeiçoarem sem se desnacionalizarem, de forma a constituirem um centro de ensino, criando emfim uma Escola, que (é preciso não o esquecer) sahiu do hospital, com sequencia e com discipulos, e na qual Antonio de Almeida teve o seu papel primacial.

REYNALDO DOS SANTOS.

# COMENTÁRIOS

## “Patria,, e PATRIA

UM illustre incógnito, crítico musical de *A Patria*, permitiu-se dizer inconveniências dos homens que assinaram o manifesto *Um Crime*. Chamou-se para o facto a atenção do director. No ultimo domingo, um outro colaborador de *A Patria* redigiu para ela um esclarecimento ao público sobre o incidente do S. Luis; o crítico musical, neste lance, prometeu solemnemente à redacção que se não referiria a tal assunto, pelo que esta, invocando tal promessa e dando-se por fiadora dela, obteve do dito colaborador que rasgasse o que escrevera. No dia seguinte, sai o artigo do sr. crítico: e verificou-se com espanto que refinava sobre o primeiro, faltando redondamente ao que prometera.

Perante a admiração de alguns leitores, publicou a *Patria*, dois dias depois, da pena do musicógrafo, o seguinte:

«P. S. — A propósito das referencias que aos incidentes ocorridos no concerto de domingo, no S. Luis, aqui fizemos, não pretendemos com elas negar a qualquer espectador o plenissimo direito que lhe assiste de aplaudir ou patear num teatro. Tão sómente lamentamos que aquelas manifestações fossem recair sobre o maestro Lassalle e sobre a Orquestra Sinfonica Portuguesa, entidades que são absolutamente estranhas ao conflito que originou as referidas manifestações. — I. A.»

Evidentemente, fica muito aquém do que era devido.

Supomos que, se reclamássemos mais à *Pátria*, ela repararia sem sofisma aquela falta de fidelidade da palavra que abonara; mas, se a *Pátria* fôsse o que nós supunhamos, não precisaria, cremos nós, que lhe lembrassem muitas vezes o cumprimento de uma obrigação moral tão claramente definida, que ela quis tomar de seu próprio impulso.

Porque, em primeiro lugar, se a *Pátria* fôsse... a *Pátria*, não permitiria que um anónimo tratasse nas suas colunas, sem os respeitos que lhes são devidos, homens como Columbano, Eugenio de Castro, Anibal de Bettencourt, Antonio Arroyo, Raul Brandão, D. Antonio de Lencastre, Malheiro Dias, Reynaldo dos Santos, Agostinho de Campos, Lopes Vieira, Alberto de Oliveira, Correia de Oliveira, Antonio Carneiro, Aquilino Ribeiro, Augusto Gil, Celestino da Costa, José de Figueiredo, Raul Lino, Cortesão, Proença, Camara Reys, e outros signatários do manifesto; e se a *Pátria* fosse... a *Pátria*, palavra da *Pátria* era, pelo menos, palavra de Rei. — A. S.

## Conferências e exposições

NA Sociedade de Geografia, terça-feira, conferência de intercâmbio universitário em que D. Martinho Nobre de Melo se mostrou tenor de profunda emotividade, e o sr. Duguit um conferente de filosofia superficial. D. Martinho, formoso e elegantissimo, com voz tremente e apaixonada (como a da divina Bartet na *Nuit d'Octobre*) declarou-se a M. Duguit, que o ouvia enleado e de olhos baixos; e, para melhor vencer a modéstia pudica do objecto do seu fervor — cômparava-o a Aristóteles. Aristóteles-Duguit, emocionado, não conseguiu assentar o seu discurso numa noção sufficientemente exacta do Conceito, nem fornecer definições sufficientemente precisas do Intelectualismo, do Fenomenismo, do Positivismo e do Pragmatismo. Não nos pareceu encontrar no illustre conferente e grande jurista uma profunda compreensão dos problemas filosóficos; em compensação, D. Martinho foi soberbo de eloquência perturbadora. O público aplaudiu a ambos, com carinho.

Não foi tão feliz com o público, se bem que muito o merecesse, a exposição dos cinco independentes, da qual disse com razão Aquilino Ribeiro:

«Se Lisboa soubesse admirar, teria admirado a galhardia destes cinco artistas que vieram aqui expôr parte da sua obra de muitos anos, o que equivale a abrir às escâncaras o «atelier» ou ouvir-lhes pronunciar sem temor: «por aqui passei eu». Exposição de genuina arte, sem dúvida. Mas ainda, a par com isso, uma revelação dos seus processos, das suas buscas, do que poderíamos chamar o seu potencial, se é verdade que no devisar a carreira de um artista, desde a raiz, se pôde sopesar o seu valor e entrever-lhe o provável desenvolvimento... Demonstrações individuais tem-nas havido e notáveis; mas no rasgo de lealdade, na ânsia de acometer alguma coisa de durável, de próprio, de pessoal, está ali uma Távola Redonda, a primeira nesta cidade morrinhenta, onde só as gralhas fazem ninho».

Citemos de memória, entre as muitas obras dignas de atenção admirativa, o tão estudado, tão «egípcio» e ao mesmo tempo clássico busto da *rapariga francesa*, o *Manuel Jardim* e o monumento ao *Aviador*, de Francisco Franco; a *Blouse rose*, a *Jeune Fille*, a *Natureza quasi morta*, e algumas deliciosas paisagens de Henrique Franco; os belos e impressivos quadros alemtejanos de Dordio Gomes; o *Sic transit*, a *Zeca*, e o *Torso de mulher* de Diogo de Macedo. — A. S.